

EDUCAÇÃO FÍSICA E A ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: O apoiador matricial como profissional aprendiz

Braulio Nogueira de Oliveira
Felipe Wachs

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir o aspecto formativo do apoio matricial, a partir do prisma do profissional de Educação Física enquanto apoiador matricial. Trata-se de parte de um estudo qualitativo, que envolveu 11 profissionais de Educação Física. O processo de construção das informações empíricas ocorreu entre novembro de 2013 a janeiro de 2014 e teve como técnicas de produção das informações três encontros de grupo focal e a observação participante. Para interpretação utilizamos a Análise de Conteúdo do tipo Análise Temática. Os resultados apontam para o apoio matricial como postura dialógica, em que os apoiadores se colocam como profissionais aprendentes, repensando constantemente seu fazer. Assim, não partem para o apoio apenas recomendações preconcebidas.

PALAVRAS-CHAVE: Atenção Primária à Saúde; Educação Física e Treinamento; Educação Continuada.

INTRODUÇÃO

A discussão a respeito da formação em Educação Física é composta por múltiplas facetas, que envolvem disputas políticas e ideológicas. As discussões existentes vão desde a divisão (ou não) do curso em licenciatura e bacharelado, ao aprimoramento dos cursos no que concerne melhorar ou criar disciplinas. Nesse sentido, podemos afirmar que a divisão da formação em licenciatura e bacharelado é alvo de fortes embates políticos na área, visto que promove uma fragmentação na formação (FRAGA; CARVALHO; GOMES, 2012).

Na visão da filósofa Madel Therezinha Luz (2007), a formação em Educação Física é permeada pela complexidade da atuação em diferentes campos, e passa por fortes influências dos saberes da área médica, que por sua vez possui uma hegemonia discursiva. Especificamente na área da Educação Física esse discurso pode também estar ligado à tradição militar, direcionadas ao treinamento do corpo e/ou o seu adestramento. Indica ainda que em uma perspectiva epistêmica, a atividade corporal no processo saúde doença é entendido em sua relação causa e efeito.

Diante da (re)produção desse discurso, cabe refletir acerca da relação entre a formação na área e a atuação na Saúde Coletiva. Assim, esse foi o objeto de estudo de um grupo de pesquisadores que trabalhou especificamente o cenário das escolas de Educação Física que



possuíam programa de pós-graduação com boa qualificação na CAPES (notas que em uma escala de zero à sete, fossem igual ou superior a quatro, em maio de 2007). Nesse contexto, identificaram que a formação não direcionava para o campo da Saúde Coletiva, no que se refere a possuir um conjunto de disciplinas e estágio supervisionado nessa área. Além disso, identificaram maior destaque para disciplinas com foco em aspectos biológicos e curativos, além um maior respaldo para bacharéis em detrimento das licenciaturas (ANJOS; DUARTE, 2009).

Em estudo mais recente, é sintetizada a concepção dos docentes dos cursos de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a realidade se mostra ainda preocupante, tendo em vista que há um distanciamento entre a formação e a Saúde Coletiva, além de pouco diálogo com a prática profissional, visto que esse dependente de iniciativas pontuais, como alguns grupos de pesquisa (PASQUIM, 2010).

Diante desse contexto, destacamos nesse estudo o processo de formação pelo e para o SUS, na perspectiva de profissionais já graduados em Educação Física, que possuem aproximação em suas práticas com a Estratégia Saúde da Família (ESF) em Sobral/CE, em especial com a prática do apoio matricial. Na realidade desse município, a categoria se insere na ESF desde o ano 2000, inicialmente por meio da Residência Multiprofissional em Saúde da Família, e atualmente com a inserção da categoria em diversos espaços (SILVA; OLIVEIRA, 2013).

A prática do apoio matricial consiste em uma retaguarda especializada, por parte dos apoiadores matriciais, direcionado às equipes de referência, tendo sempre o caráter assistencial e técnico pedagógico (CAMPOS; DOMITTI, 2007). Portanto, coloca-se como um dispositivo importante na formação das equipes de referências, todavia, o caráter pedagógico não se limita a esse grupo, que é a peculiaridade que esse estudo vem a tratar. Neste estudo, investigamos o apoio matricial desenvolvido por profissionais de Educação Física, sendo que as práticas corporais e a atividade física são a expertise para a qual dão apoio a outros profissionais da atenção básica.

O presente estudo faz parte de um projeto maior, denominado “Competências do profissional de Educação Física enquanto apoiador matricial na Estratégia Saúde da Família”¹,

¹ Esse projeto teve como uma de suas produções o Trabalho de Conclusão de Curso do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família pela Escola de formação em Saúde da Família Visconde de Sabóia (EFSFVS), em parceria com a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), de autoria do primeiro autor desse texto e orientado pelo segundo autor, também desse texto.



no qual esse recorte tem por objetivo discutir o núcleo de sentido “Ser um profissional aprendente”, evocado a partir do discurso dos sujeitos. Desse modo, esse recorte tem por objetivo discutir o aspecto formativo do apoio matricial, a partir do prisma do profissional de Educação Física enquanto apoiador matricial.

PERCURSO METODOLÓGICO

A natureza desta pesquisa é qualitativa, por considerar indispensável à análise em profundidade de um objeto complexo: competências da Educação Física para o apoio matricial na ESF, além de buscar elementos não quantificáveis, bem como descrever características de ações ainda não identificadas. As competências foram analisadas sob a ótica da abordagem dialógica, que considera as interferências da sociedade na época em que se vive, buscando assim uma maior integração da teoria com a prática (LIMA, 2005). Nesse sentido, essa pesquisa não buscou indicar se os profissionais são competentes ou não, nem tampouco fragmentar (didaticamente) esse conceito em conhecimentos, habilidades e atitudes.

Em relação aos sujeitos participantes do processo de construção dos dados, optamos por direcionar o convite a profissionais de Educação Física que possuíssem relevante aproximação com a ESF. Essa relevância foi indicada com a baliza de alguns critérios de escolha, a saber: (i) Que seja profissional de Educação Física; (ii) que atue ou tenha atuado no âmbito da assistência, por no mínimo seis meses na ESF; (iii) que atue, no âmbito do ensino, pesquisa, gestão e/ou assistência na perspectiva da ESF; (iv) que aceite/concorde em participar da pesquisa. Assim, a pesquisa envolveu 11 sujeitos, que em geral possuíam mais de um envolvimento, configurando-se da seguinte forma:

Quadro 1: Representativo da atuação dos sujeitos envolvidos com o estudo.

Atuação	Quantidade de sujeitos envolvidos
Ensino	Quatro profissionais
Pesquisa	Três profissionais
Assistência	Oito profissionais
Gestão	Dois profissionais

O processo de construção das informações empíricas ocorreu entre novembro de 2013 a janeiro de 2014 e teve como técnicas o grupo focal e a observação participante, sendo as mais adequadas para um processo de construção coletiva. Foram realizados três grupos focais, o primeiro com duração de 85 minutos, o segundo com duração de 84 minutos e o terceiro com duração de 70 minutos. A observação participante foi assistemática, em que o pesquisador participou de alguns espaços de apoio matricial em que os profissionais de



Educação Física sujeitos da pesquisa trabalhavam. Essas informações foram registradas em um instrumento em que denominamos diário de campo.

Como técnica de análise das informações foi utilizada a Análise de Conteúdo Temática na perspectiva de Minayo (2008). Após a realização da transcrição do material gravado, foi realizada uma leitura flutuante e exaustiva, sendo criados os núcleos de sentido (que foram considerados “competências”). Subsequente, esses núcleos foram agrupados, procedendo à organização das informações no sentido de identificar convergências, divergências e complementaridade. Por fim, criou-se um diálogo entre os núcleos de sentido e outros estudos na área, tendo como referencial teórico de análise os postulados de Gastão Wagner de Sousa Campos.

Conforme já referido, esse estudo trata especificamente da competência/núcleo de sentido ‘Ser um profissional aprendente’, emergente do discurso dos sujeitos, que integra a categoria empírica “Competências transversais para o apoio matricial”. Essa categoria surgiu a partir dos núcleos de sentido que se aplicam a prática de apoio matricial em qualquer situação; por conta disso, denominamos ‘transversais’. Portanto, as demais competências transversais para o apoio matricial são: conhecer a tecnologia; promover a clínica ampliada; conhecer a rede de apoio; (re)organizar os serviços de saúde; e participar de espaços políticos.

A pesquisa seguiu todos os princípios éticos conforme a resolução número 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, tendo parecer favorável para sua execução pela Comissão Científica da Secretaria Municipal de Saúde de Sobral-CE, bem como pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), conforme o CAAE número 18767613.7.0000.5053 e o parecer número 470.565.

O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PROFISSIONAL APRENDENTE

Podemos considerar que temos avançado na aproximação entre estudantes e profissionais de Educação Física com o SUS, todavia, essa ainda ocorre timidamente. Ciente dessa problemática, o Ministério da Saúde, juntamente com o Ministério da Educação, ampliou o Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Pró-Saúde) em 2007, em que foram incluídas 11 categorias profissionais além daquelas presentes no projeto inicial² criado em 2003 pelo Ministério da Saúde. Trata-se de uma política de formação pujante no cenário brasileiro, que conforme o nome sugere, visa uma reorientação na formação para a área da saúde. Dentro dessa proposta, uma de suas vertentes é o Programa

² Inicialmente apenas com enfermagem, medicina e odontologia.



de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde)³, criado em 2008, com a inserção de estudantes da graduação no campo, no intuito de promover uma maior integração entre o ensino, o serviço e a comunidade (FRAGA; CARVALHO; GOMES, 2012).

Nesse cenário, as tecnologias de colaboração interprofissional, dentre as quais destacamos aqui o apoio matricial, têm também contribuído com a formação profissional. Nessa perspectiva, destacamos a formação pelo e para o SUS. Do ponto de vista eminentemente teórico, o caráter pedagógico dessa ferramenta é direcionado as equipes de referência, as quais são preparadas para lidar com demandas semelhantes, sem a necessidade do apoiador matricial. A rigor, cabe ao apoiador matricial ser o apoiador especializado. Todavia, cabe levantarmos algumas reflexões pertinentes: Os apoiadores matriciais precisam também estar aprendendo? É possível realizar esse trabalho com informações prontas e uniformizadas?

Eu acho que uma das competências do professor de Educação Física tem que ter no apoio matricial é ser aprendente. Eu acho que ele tem que tá aprendendo nesse momento. Eu acho que ele pode colaborar muito no rendimento, mas pode também aprender. Eu acho que uma das nossas características é que a gente tem que permear nesse momento é ser aprendente. Sujeito 10, Grupo focal 2.

O discurso alerta para uma postura crucial no desenvolvimento do apoio matricial - 'ser aprendente'. Destacamos a importância dessa competência se estender as demais categorias da saúde, devido ao contexto histórico-político-cultural da formação amplamente influenciada pelo saber biomédico. Assim, essa postura surge com uma forma de superação da realidade posta e transformação das práticas.

Assim, fazem-se necessárias mudanças também na formação inicial, no sentido de promover um alinhamento entre a formação e as exigências requeridas na prática profissional (CARVALHO; CECCIM, 2009), que pode ser viabilizado por meio de uma maior integração entre o ensino, serviço e comunidade. Nessa perspectiva, e com base nas informações empíricas, o apoio matricial ganha um caráter pedagógico também para o apoiador, que se apresenta condizente com os pressupostos da Educação Permanente, com possibilidade de mudanças na organização dos serviços.

Diante disso, outras reflexões podem surgir, afinal, essa postura aprendente se deve apenas ao fato de haver problemas na formação inicial? Que outros elementos podem surgir a

³ Processo vivenciado por um dos autores desse texto, enquanto aluno-bolsista.



partir dessa prática? Diante dessas reflexões e com base nas informações empíricas, podemos inferir que esse caráter pedagógico surge como uma forma de qualificar o trabalho, de maneira que a prática seja fomentada pelas necessidades emergentes e não por prováveis demandas.

A equipe de referência, por ser responsável pelo cuidado longitudinal, convive diariamente e está mais apropriada com o contexto e cultura dos usuários. Nesse sentido, a participação dessa equipe viabiliza que as discussões/produções do apoio matricial se organizem na lógica usuário-centrado, partindo da premissa que esse saber é fundante para a compreensão da cultura corporal daquela comunidade. Essa interface dialógica entre equipe de referência e apoiadores matriciais é destacado pelo discurso dos profissionais de Educação Física, de tal forma que partir com atividades prontas e uniformizadas, não produzem sentido para aquele usuário ou comunidade.

Como o coloquei anteriormente, a gente segue muito a lógica dos programas, e que a gente pode muito bem qualificar esses programas no sentido de fazer esse apoio, aí outra competência que é importante desenvolver também é uma postura curiosa, a partir desse problema que você vai encontrando, dentro das situações que você vai vivendo no dia a dia, tem uma postura que diria assim uma autoeducação permanente né, a partir da necessidade, eu ir atrás daquela informação daquele conhecimento, pra poder qualificar a minha atuação, e sempre estar aberto pra dizer quando não sei, pra justamente aprender que acho que o processo de matriciamento ele tem muito que mais ensinar, aliás, tem mais o que aprender do que propriamente ensinar. Sujeito 4. Grupo focal 2.

Diante do discurso do sujeito 4, é possível identificar a educação pelo trabalho como dispositivo potente para a formação em saúde. Essa perspectiva de formação se diferencia das “capacitações” tradicionais, que se caracterizam por uma maior simplificação, por possuírem uma visão instrumental, em que os conteúdos são ‘transmitidos’ e/ou ‘aplicados em ambientes formais, na busca por um objetivo pontual e imediato. Além disso, seguem a lógica dos programas, eminentemente com começo e fim pré-determinado (BRASIL, 2009). A partir desse pressuposto, identificamos uma maior implicação social no método Educação Permanente, caracterizado em síntese como educação pelo trabalho.

Justamente pelo processo pedagógico do apoio matricial estar imbricado com as práticas, esse se desenha também como um espaço para o desenvolvimento da Educação Permanente. Assim, devido a proposta reflexiva e crítica da realidade ser uma característica



em comum (entre o apoio matricial e a Educação Permanente), o potencial de promover mudanças nas práticas é compartilhado e sinérgico entre esses dispositivos.

Nesse sentido, destacamos a Educação Permanente entre as políticas de formação no cenário nacional, que inclusive se institucionaliza enquanto política nacional, desde 2009. Essa tem por base a aprendizagem significativa, pautada na possibilidade de transformação das práticas, justamente por ser viabilizada a partir da aprendizagem-trabalho (BRASIL, 2009), em um processo dialético de ação-reflexão-ação. Desse modo, essa discussão ganha espaço nas práticas, por meio de processos formativos significativos, com base na problematização da realidade, e o envolvimento de outras categorias profissionais.

Assim, no campo de competência do fazer, e aí pregando essa expertise que a gente tem que é as práticas corporais, essas dimensões do apoio pedagógico e técnico até, uma das estratégias que a gente, profissionais, poderíamos ter, é sempre possível mesmo extensas e complexidades que tem é planejar com outros profissionais, utilizar o máximo possível dessa tecnologia que é planejar com outro, e estimular espaços pedagógicos para problematizar, refletir sobre a reorganização de grupos de práticas corporais, são estratégias que podem ser desenvolvidas, dentro da educação permanente e voltar para as questões relacionadas ao serviço no caso de práticas corporais, por parte da Saúde da Família. Sujeito 4. Grupo focal 2.

Com essa proposta de formação pelo/para o trabalho, destacamos a importância da problematização se fazer presente nas práticas, bem como o fomento às necessidades de formação dos trabalhadores, com base nas necessidades da comunidade (CECCIM, 2005). Diante disso, podemos considerar o apoio matricial como postura potente, no sentido de gerar frutos fecundos para o SUS, a partir de um alinhamento teórico com a Educação Permanente. Isso se apresenta tanto no discurso dos sujeitos, quanto na observação participante. Desse modo, trata-se de uma postura que vai para além de superar as demandas da formação inicial em saúde, mas também de qualificar o trabalho a partir da escuta e busca pela resolutividade de necessidades emergentes, que culmina com o encontro entre o profissional e alguns conteúdos significativos de aprendizagem.

Entendemos o enfoque problematizador como grande disparador no que se refere a provocar rupturas com práticas descontextualizadas com a realidade local, apontando para maneiras distintas de lidar com às demandas que de fato se apresentam e não aquelas que acredita-se existir (BATISTA *et al.*, 2005). Como cuidador desses processos formativos, o profissional de Educação Física transforma sua atuação clássica, marcada pela transmissão de



informações, para uma função de mediador e provocador, com uma postura arregrada por uma implicação sanitária, que o leve a compreender suas limitações e buscar constantemente o conhecimento significativo, que dialeticamente se reconstrói, também de modo contínuo.

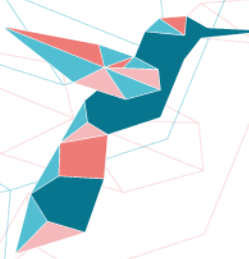
Com base nos achados, podemos considerar que desenvolver o trabalho pedagógico em ato, e usuário-centrado, implica em estar também aberto a situações de aprendizagem. O paradigma do especialista como o detentor do saber em determinada área é desconstruído nas práticas dos profissionais de Educação Física envolvidos. Assim, o apoio matricial contraria a lógica de que os profissionais de Educação Física precisam estar sempre presentes nas situações em que existe a demanda de sua especialidade, como por exemplo, as práticas corporais. Nesse sentido, não coaduna com o viés corporativista de que as práticas corporais são da Educação Física ou de outra categoria, quando trata-se de manifestações da comunidade.

Com base na observação participante identificamos que não necessariamente em todos os momentos em que o profissional de Educação Física se coloca como apoiador matricial, ele fará intervenções. A pertinência do momento de intervir é algo que precisa ser sentido pelos profissionais. Uma das perspectivas de trabalho da Educação Física na Saúde Coletiva é justamente o discurso normativo e regulatório que busca determinar, com base em aspectos biológicos, apenas a dosagem de exercício físico a qual o usuário precisa se submeter. Encontramos na prática do apoio matricial uma alternativa a esse modelo, a qual a categoria Educação Física se coloca aberta a novos saberes e práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos achados, observamos que os cenários de práticas possuem potencial relevante na formação dos profissionais na área da saúde coletiva. A aprendizagem pelo trabalho se mostra como postura pujante na superação de práticas fundadas no saber biomédico. Essa construção é fruto da potente postura dialógica a qual os profissionais de Educação Física desse cenário estão munidos. Assim, o trabalho interprofissional pautado no apoio matricial é também uma estratégia para a Educação Permanente em Saúde.

O profissional de Educação Física, que se insere em geral como apoiador matricial, é também apoiado pela equipe de referência, seja ela as equipes de Saúde da Família ou líderes comunitários. Assim, a dimensão pedagógica do apoio matricial é destacada no discurso dos sujeitos, não somente como a disponibilização de seu saber específico, mas sim como troca de saberes, resultante do processo dialógico no qual os processos de trabalho são desenvolvidos.



Vale ressaltar que para a prática do apoio matricial, não necessariamente o apoiador matricial será apoiado, tendo em vista que ontologicamente o profissional que exerce essa tarefa, tem como objetivo apoiar a equipe de referência e não ser apoiado. No entanto, encontramos uma realidade em que a troca de saberes se faz mais presente. Na situação do profissional de Educação Física estar como apoiador matricial na construção do projeto terapêutico de um hipertenso realizado pela equipe de Saúde da Família, por exemplo, o profissional de Educação Física não teria nada a aprender? Para além disso, o papel pedagógico da equipe de referência se coloca fortemente por serem esses os profissionais que lidam em sua rotina de trabalho com o contexto e a cultura da comunidade. Desse modo, promovem as discussões/produções do apoio matricial em uma lógica usuário-centrado.

Trata-se de uma tecnologia de trabalho interprofissional que visa em primeira análise, a produção de autonomia para a equipe de referência, no sentido de não a tornar refém do saber do especialista. Diante disso, vai de encontro com a lógica corporativista que indica as práticas corporais como algo da Educação Física e não de outra categoria profissional. Nesse sentido, supera o campo do saber científico das categorias, a partir da compreensão das práticas corporais como sendo da cultura corporal.

Destacamos, então, a importância dessa postura aprendente se estender a todas as categorias que atuam como apoiadores matriciais. Essa recomendação não surge com a prerrogativa de que os demais profissionais não trabalham com posturas dialógicas, mas sim de ampliar o potencial dessa tecnologia que vem sendo empregada no trabalho interprofissional. Emerge então como postura fundante no que concerne a superar práticas fundadas nos aspectos biológicos e no discurso normativo fomentado pelo positivismo.

Physical Education and the Primary Health Care: the specialized supporter as a professional learner

ABSTRACT

This article aims to discuss the educational aspect of the specialized support from the perspective of a Physical Education professional as specialized supporter. This is part of a qualitative study, which involved 11 Physical Education professionals. The construction process of empirical information occurred between November 2013 to January 2014 and had as production techniques of the information three focus group meetings and participant



observation. For interpretation we used the Content Analysis of thematic analysis type. The results point to the specialized support as dialogical approach, in which the supporters stand themselves as learners professionals, constantly reconsidered what your doing. So, do not start to the support only preconceived recommendations.

KEYWORDS: *Primary Health Care; Physical Education and Training; Continuing Education.*

Educación Física y la Atención Primaria de Salud: el partidario de la matriz como estudiante profesional

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir el aspecto educativo del soporte matricial desde la perspectiva profesional de la Educación Física como partidario de la matriz. Esto es parte de un estudio cualitativo, que involucró a 11 profesionales. El proceso de construcción de la información empírica ocurrió entre noviembre 2013 hasta enero 2014 y tuvo como técnicas de producción de los datos tres grupos focales y la observación participante. Para la interpretación fue utilizado el Análisis de Contenido del tipo análisis temática. Los resultados apuntan para el soporte matricial como enfoque dialógico, donde los propios partidarios se ponen como profesionales en formación, repensando constantemente su hacer. Así, no parten para el apoyo sólo recomendaciones preconcebidas.

PALABRAS CLAVES: Atención primaria de salud; educación física y entrenamiento; educación continua.

REFERÊNCIAS

ANJOS, T. C.; DUARTE, A. C. G. O. A Educação Física e a Estratégia de Saúde da Família: formação e atuação profissional. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1127-1144, out./dez. 2009.

BATISTA, N. *et al.* O enfoque problematizador na formação de profissionais da saúde. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 231-237, mar./abr. 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Política Nacional de Educação Permanente em Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação em Saúde.* – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

CAMPOS G. W. S.; DOMITTI, A. C. Apoio matricial e equipe de referência: uma metodologia para gestão do trabalho interdisciplinar em saúde. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 399-407, fev. 2007.

CARVALHO, Y.M.; CECCIM, R.B. *Formação e educação em saúde: aprendizados com a saúde coletiva*. In: CAMPOS, G. W. et al. (orgs.). *Tratado de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro: Fiocruz/São Paulo: Hucitec, 2009.

CECCIM, R. B. Educação Permanente em Saúde: desafio ambicioso e necessário. *Interface - Comunic, Saúde, Educ*, Botucatu, v.9, n.16, p.161-77, set./fev. 2005.

FRAGA, A. B.; CARVALHO, Y. M.; GOMES, I. M. Políticas de formação em educação física e saúde coletiva. *Trab. educ. saúde*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 367-386, nov. 2012.

LIMA, V. V. Competência: distintas abordagens e implicações na formação de profissionais de saúde. *Interface-Comunic, Saúde, Educ.*, Botucatu, v.9, n.17, p.369-79, mar/ago 2005.

LUZ, M. T. *Educação Física e saúde coletiva: papel estratégico da área e possibilidades quanto ao ensino na graduação e integração na rede de serviços públicos de saúde*. In: FRAGA, A.B. e WACHS, F. *Educação Física e Saúde Coletiva. Políticas de Formação e Perspectivas de Intervenção*. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2007.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10 ed. São Paulo: HUCITEC, 2008.

PASQUIM, H. M. A saúde coletiva nos cursos de graduação em Educação Física. *Saude soc.*, São Paulo, v. 19, n. 1, p, 193-200, jan./mar. 2010.

SILVA, A. L. F.; OLIVEIRA, B. N. A trajetória da Educação Física no SUS em Sobral-Ce: um resgate histórico. *Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, Campinas, v. 11, n. 2, p. 193-207, abr./jun. 2013.